A roda de crack cachimbo, bloco e usuário na rede social

Ygor Diego Delgado Alves

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALVES, Y.D.D. A roda de crack: cachimbo, bloco e usuário na rede social. In: *Jamais fomos zumbis: contexto social e craqueiros na cidade de São Paulo* [online]. Salvador: Edufba: Cetad, 2017, pp. 87-136. Drogas: clínica e cultura collection. ISBN: 978-85-232-1859-1.
<https://doi.org/10.7476/9788523218591.0005>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](#).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](#).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](#).

A RODA DE CRACK: CACHIMBO, BLOCO E USUÁRIO NA REDE SOCIAL

A partir dos dados de pesquisa participante coletados entre usuários de crack da região central da cidade de São Paulo, pretende-se analisar como o uso do crack proporcionou a criação de uma rica parafernália, composta por ferramentas e utensílios dos mais variados, para a obtenção do melhor “trago” possível. Ele também impulsionou o desenvolvimento de uma tecnologia do acobertamento com materiais disponíveis no ambiente urbano, utilizados para as necessidades próprias do contexto delicado do proibicionismo. Estes artefatos relacionam-se com os padrões de consumo da droga e rituais dos usuários ao serem trocados, compartilhados, vendidos, desmontados e refeitos ao sabor das necessidades e possibilidades dos craqueiros. Os artefatos ainda se prestam a prevenir danos, compor e demonstrar adesão a certos tipos identitários e corporalidades, assim, as estratégias de redução de danos acabam confrontando-se com estas práticas nas cenas de uso.

Cracolândia é o nome dado a muitas cenas de uso, o termo é usado em diferentes cidades do país, mas teve sua origem em São Paulo há mais de uma década e corresponde atualmente, à região próxima à Estação Júlio Prestes, no bairro da Luz. Partiremos do cachimbo para chegar à Cracolândia, e nesta caminhada teremos a oportunidade de dar uma breve mirada sobre alguns dos objetos produzidos pelo gênio craqueiro. Estes artefatos não-humanos possuem agência própria na rede social e podem ser acompanhados na prática. No interior das ocasiões em que são trocados, compartilhados, vendidos, desmontados e refeitos em sua mediação com o corpo.

Os objetos produzidos pelo gênio craqueiro serão contextualizados em práticas e representações produzidas no intercâmbio das coisas com pessoas em interação. Trata-se de cor-

pos agenciando objetos e vice-versa em uma rede cuja tessitura é capaz de provocar constantes transformações.

Maquinários e o cachimbo

“Maquinário” é a categoria nativa para designar a parafernália utilizada no consumo do “bloco”, ou pedra de crack. O cachimbo é o principal artefato deste conjunto, um mediador por excelência e a maior realização artesanal do gênio craqueiro.⁵⁰ Na *web page* da Confraria dos Amigos do Cachimbo, a descrição do ato de fumar assim aparece: “Fumar cachimbo é adaptar um ritual ocioso de descontração e prazer, que requer atenção, destreza e conhecimento. Talvez seja esta a razão que leva a generalidade das pessoas associe [sic] o cachimbo a pessoas nobres e profissionais”. (CASTRO) Veremos como o cachimbo de fumar crack, ou “boris” também faz jus a estas observações, principalmente com respeito à atenção, destreza e conhecimento. Então, vejamos.

Figura 2 – Cachimbo de tabaco

Fonte: http://www.amigosdocachimbo.com.br/artigos/art_cachimbo_fumar.htm

50 Por si só o cachimbo pode ser considerado um importante agente na fruição da pedra de crack: “[...] eu sinto diferença porque se eu fumar a pedra no cachimbo o tuim dela é mais forte do que na lata [...] na minha concepção a adrenalina no coração fica mais forte [...] aquela sensação de medo e da paranoia fica muito mais louca do que fumar ela (pedra) na lata. O cachimbo em si, por causa do caninho, a sensação é mais louca mesmo [...]”. (OLIVEIRA, 2007, p. 101)

Quadro 1 – Partes constitutivas do cachimbo

1.	“Bolo”	8.	Haste
2.	Câmara do forninho	9.	Encaixe da haste
3.	Topo	10.	Câmara de condensados
4.	Filtro	11.	Pescoço do forninho – haste
5.	Canal de ar da haste	12.	Canal de ar do forninho
6.	Lábios da boquilha	13.	Base
7.	Boquilha	14.	Forninho

Fonte: http://www.amigosdocachimbo.com.br/artigos/art_cachimbo_fumar.htm

O diagrama acima e a tabela com as partes constitutivas do cachimbo feito para se fumar tabaco nos permitirá comparar este, com o “boris” ou cachimbo de crack e possibilitará sua análise a partir das partes constitutivas. O crack pode ser fumado de diversas maneiras, em latas dobradas e perfuradas, em copos de água mineral descartáveis sobre furo na tampa de alumínio, em copos de Yakult com o mesmo furo na tampa e um “caninho”. Em cotovelos de tubulação de PVC, em lâmpadas, narguilés e certamente outras materialidades desenvolvidas a partir de experimentações desestabilizadoras. Porém, em São Paulo, o cachimbo é o instrumento mais utilizado, e fumar em cachimbo não é uma invenção dos craqueiros, mas costume muito difundido desde o consumo do “pito de pango”, ou maconha, em maricas. (ALVES, 1998) Assim, utilizaremos o cachimbo curvo de fumar tabaco para comparar, em seus elementos constitutivos e práticas de manuseio, com o cachimbo mais comum encontrado por nós dedicado ao uso do crack. Esta comparação irá mostrar continuidades entre as práticas e mesmo entre as representações sobre este costume e nos fornecerá alguns parâmetros para conhecermos de que matéria o social está sendo feito. (CALLON, 2008) O cachimbo ou “boris” é, na maioria das vezes, arranjado todo em metal. A haste e seu encaixe costumam ser uma mesma peça, o “caninho”. O encaixe se adapta comumente de modo direto ao forninho,

sem a necessidade de um pescoço que sirva de ligação entre os dois. Isto proporciona a passagem direta da fumaça que se pretende sorver, do forninho à haste. O “boris” não costuma ser curvo, mas direito, termo usado pelos usuários de tabaco para referirem-se aos cachimbos retos, aqueles no qual o conjunto da haste forma um ângulo reto com o forninho. Isto facilita a retirada dos restos de tabaco e saliva que possam impregnar seu interior. O cachimbo de fumar tabaco existe previamente ao de consumir crack, porém, é possível que sempre estivesse presente como ideia (LAW, 1992) na rede social que inclui todos os materiais relacionados ao uso. Em um processo dinâmico de estabilizações e desestabilizações na relação entre estes objetos e os usuários, o copo de água mineral ⁵¹foi deixado de lado e o “caninho” acrescentado. No entanto, será na “rapa” que poderemos encontrar o agenciamento capaz de promover o processo de mutação. (LATOURET, 2012)

Figura 3 – Cachimbo com peça de fogão

Fonte: Coleção pessoal do autor.

51 Na cidade do Rio de Janeiro, o copo de água descartável ainda é largamente utilizado.

Para os consumidores de tabaco, a borra ou residuo aderente às paredes da câmara e canal do fornildo, assim como ao canal da haste, é algo a ser retirado para evitar-se o entupimento do sistema, depois descartado. Para os usuários de crack, a “rapa” é valiosa, unanimemente tida como de poder superior ao “bloco” (pedra de crack). Os lábios da boquilha são do mesmo material da haste, muitas vezes metálico, isto leva a seu grande aquecimento após o contato reiterado da chama sob a base do fornildo, o que ocorre caso se deseje “atochar”, ou “tochar” o cachimbo. Dá-se esse nome ao modo de consumir a “rapa” sem retirá-la, mas pelo aquecimento do “fogãozinho” ou fornildo e do “caninho”. Abaixo, podemos visualizar a “rapa” em um raríssimo cachimbo de lâmpada.⁵²

Figura 4 – Cachimbo de lâmpada

Fonte: Coleção pessoal do autor.

A queima da pedra é feita, não no interior do fornildo, como no consumo de tabaco, mas, em uma inovação introduzida sobre a tampa da câmara do fornildo tradicional, o alumínio. Ele

52 Ao referir-se às dificuldades do trabalho de redução de danos na Cracolândia uma autora descreve erroneamente a rapa como cinzas, assim como, o ato de “tochar” é confundido com a mesma “rapa”. “Por fim e o que parece ser bem difícil, ainda aconselham os usuários a não fumarem as cinzas que ficam no cachimbo, a chamada ‘bôrra’ ou ‘tocha’”. (RUI, 2012, p. 88)

é geralmente proveniente de tampa de copo de água descartável e posteriormente perfurado.⁵³ Pelos depoimentos, o início do consumo do crack na cidade deu-se sobre o alumínio perfurado de copos de água descartáveis, assim, podemos afirmar de modo sintético que o copo tornou-se “fogãozinho”, o alumínio perfurado foi mantido e acrescentou-se uma haste, ou “caninho”.⁵⁴ Neste caso, o usuário ou os usuários que fumassem uma quantidade razoável de pedras, dez por exemplo, poderiam retirar alguma “rapa” da tampa de alumínio do copo e se usassem água em seu fundo, a “rapa” boiaria sobre ela, sendo retirada em um processo difícil e pouco eficiente. A “rapa” e o desejo de obtê-la desestabilizou o conjunto copo/cinza/alumínio na prática do uso e até hoje, juntamente com o “trago” e os outros materiais presentes na rede sociotécnica (CALLON, 2008) do crack, continua a provocar transformações.

Figura 5 – Crack pronto para ser trabalhado

Fonte: Coleção pessoal do autor.

53 O mesmo copo descartável poderia ainda ser utilizado para o consumo do crack, mas seu uso praticamente desapareceu em São Paulo. De um para o outro, podemos sentir uma transformação ativamente manipulada para propósitos específicos. (LATOUR, 2001)

54 O mesmo é válido para a embalagem de Yakult, nela se fumava o crack sobre o alumínio original perfurado com o acréscimo de cinzas para evitar o escoamento do crack derretido, em sua combustão, para dentro da embalagem. O “caninho” já era usado neste sistema, mais próximo do cachimbo atual que a lata e o copo.

Após se fumar uma quantidade de crack, a cinza utilizada já não serve mais para novo “trago” e deve ser substituída por cinza nova. O cigarro, desta forma, é presença indispensável nas rodas de pedra e suprimentos constantes são muito bem recebidos. Mas eles podem ser muito pouco fumados e muitos usuários de crack são abstêmios de tabaco. Um cigarro pode ser aceso e, depois de comedida fumada, muitas vezes sem tragar, deixado queimar em posição vertical até que todo o fumo seja transformado na desejada cinza. O uso do crack provoca um deslocamento nos objetivos (LATOIR, 2000) tanto da cinza, que é descartada pelo fumante, mas não pelo usuário, quanto do cigarro deixado queimar solitariamente e de sua fumaça. Ela terá de contentar-se em se espalhar pelo ambiente adentrando aos pulmões pela inspiração e não pela tragada. Esta mesma cinza, após a queima juntamente com o crack apresentado na forma de pedra ou pó, torna-se esbranquiçada e esse aspecto esbranquiçado, após o sorvimento da tragada pelo usuário, é sinal de destreza na prática de fumar. Os capazes de fumar com habilidade deverão ser também competentes em deixar a cinza, a mais branca possível sobre o papel de alumínio, por vezes levemente côncavo a fazer às vezes de forninho, para não passarem por “frangos”, ou seja, neófitos inábeis. A cinza branca indica queima total da pedra lá colocada, destreza e ausência de desperdício. O “frango” em uma roda de crack pode ver-se na situação de ser, além de alvo de chacota, o mais solicitado a “fortalecer”⁵⁵ outros participantes. Segundo interlocutores, pode, em casos extremos, ou em rodas com desconhecidos e/ou em “biqueiras” afastadas de sua “área”,⁵⁶ ser roubado e até vítima de sequestro relâmpago, caso aparente ter conta em banco e possuir cartão de saque. Assim sendo, como quase todas as nossas relações são mediadas através de obje-

55 “Fortalecer” neste contexto significa o ato de fornecer crack a alguém como um grande favor.

56 Local de moradia ou de consumo regular de crack, onde se é conhecido.

tos (LAW, 1992), a aparência da cinza após a queima da pedra possui agência como signo mediador do prestígio do usuário na roda de crack.

Figura 6 – Cachimbo de curvinha com porca

Fonte: coleção pessoal do autor.

O cachimbo acima pode ser considerado o estado da arte em termos de “boris”. Destacam-se o “caninho” e o forninho/“fogãozinho” do tipo “curvinha”, muito valorizado entre os usuários devido ao cobre utilizado em sua fabricação, capaz de produzir “rapa” branca⁵⁷ e não preta é considerada de menor qualidade em comparação à primeira. Possui porca rosqueada ao forninho e também a uma caneta por onde passa o “caninho”. Juntamente com um papel alumínio colocado entre o “caninho” e a parte interna do forninho, promove ampla vedação do

57 Ao entrar em contato com um usuário de posse de cachimbo “feito de cobre” em sua pesquisa de campo, Rui (2012, p. 186) ouviu uma explicação de um redutor de danos sobre as vantagens do cobre “Os redutores disseram-lhe que o cobre é um dos melhores materiais para a confecção do cachimbo: não provoca intoxicação como o alumínio; aguenta o calor, diferentemente do plástico; não quebra como o vidro; mas tem a desvantagem de ser mais caro.” Porém, não parecem ter obtido do usuário informações sobre as vantagens da “rapa” branca.

sistema e um “trago” muito agradável. “Caninhos” mais longos permitem o consumo de uma fumaça mais fria e o termo usado para esta prática é “buscar longe”. Após uma tragada, diferentemente do cachimbo para tabaco, no “boris”, o forninho não serve para colocar fumo, cinza ou pedra, mas como câmara de gás e lâ, a desejada fumaça oriunda da queima da pedra sobre a cinza se concentra após o “trago”. O objetivo do “chimbó”, outro nome para cachimbo é permitir a rápida e total queima da pedra para produção da fumaça a ser absorvida após cumprir seu trajeto iniciado no forninho, se estendendo pela haste até a boquilha, passando pela cavidade bucal, faringe, laringe, até atingir a traqueia e se dividir entre os brônquios direito e esquerdo para através destes chegar aos bronquíolos e à corrente sanguínea. Segundo alguns, a confecção destes artefatos, com sua grande riqueza de detalhes é preferencialmente realizada sob o efeito da “brisa” do crack, ela aumentaria, de acordo com as palavras de um ex-usuário, a sensibilidade artística do craqueiro/artesão.

No “trago”, a fumaça é absorvida no pulmão e pode posteriormente ser eliminada tanto pela boca, o mais comum, quanto pelo nariz. Enfim, deseja-se obter fumaça, é ela o bem valorizado no momento do “trago”. Após este, a “boquilha” é comumente tampada para evitar-se a perda da fumaça que não pôde ser tragada apesar do esforço feito pelo diafragma e pulmões. O topo da câmara do forninho/ “fogãozinho” também se encontra coberto pela cinza requeimada no processo de combustão da pedra. A fumaça fica presa dentro do sistema que compõe o “chimbó” de fumar pedra. É possível sorver com relativa tranquilidade a fumaça aspirada, pode-se respirá-la e, se o usuário quiser ou tiver necessidade, conversar, pedir algo, beber água ou alguma bebida alcoólica de sua preferência, enquanto obstrui firmemente com o polegar a boquilha até um derradeiro “trago”, colocando o isqueiro aceso novamente sobre o topo do forninho. Após esta repetição, a cinza poderá ser retirada e a

boquilha liberada. Se não houver nenhum reparo a fazer no “boris” e disponibilidade de pedra, cinza e isqueiro, o processo poderá ser reiniciado quando for conveniente, minimizando-se o desperdício. Assim, o corpo do usuário aprende a registrar o mundo acrescido pela materialidade da pedra de crack. Este corpo se dispõe a ser afetado em um processo pedagógico aberto a algumas imprevisibilidades e alternativas (LATOUR, 2008), como veremos a seguir.

Figura 7 – Segurando a fumaça

Fonte: Coleção pessoal do autor.

No “boris” ou “chimbó”, o material depositado no forninho e no “caninho”, a “rapa”, corresponde à parcela do montante que se intenciona consumir.⁵⁸ Não esqueçamos que a superfície do “fogãozinho” não tem contato direto com a pedra e tampouco com a cinza queimada em outro forninho feito sobre o alumínio no topo da câmara. Assim sendo, o “fogãozinho” é

58 A sublimação da fumaça não ocorre em uma câmara separada, como no caso do cachimbo de tabaco, ou seja, entre o pescoço do forninho e o encaixe da haste, dando-se por toda extensão do “boris”. Isto faz o material se depositar por toda a haste, além do “bolo” depositado no forninho. No caso dos cachimbos de madeira utilizados no consumo de tabaco, este bolo deve ser mantido até a espessura de 1,5 mm. Caso cresça demais, reduzirá a capacidade do forninho. Porém, quando retirado, não deverá sê-lo em sua totalidade, já que a presença do “bolo” é fundamental no uso de cachimbos com forninhos de madeira.

integralmente raspado para a retirada da borra depositada. Esta é novamente fumada. Pode ser constantemente misturada à cinza que vai se obtendo na queima de cigarros em um processo de esmagamento da borra colocada em meio a cinza sobre uma superfície de apoio. Um cartão de visitas ou carta de baralho geralmente presta-se a essa tarefa, com ele é misturada a borra retirada da haste e “fogãozinho”, geralmente após o desmonte do conjunto. Tudo é amassado, novamente espalhado e amassado outra vez até que atinja a aparência desejada. Com o cartão levemente arqueado no sentido do lado mais longo, a mistura é colocada com o apoio dos dedos indicador e polegar para evitar desperdício de material sobre o forninho do “chimbô”, estando assim, apto a ser fumado ou entregue a outro integrante da roda de crack.

Figura 8 – Preparo do crack para uso

Colocando a cinza

Bloco/Trago

Trago sobre cinza

Pronto para uso

Fonte: Coleção pessoal do autor.

O “trago” acima foi feito a partir de crack em pó vendido em unidades de papелotes como se pode observar. Porém, não cor-

roboramos a informação contida na pesquisa de Lúcio Garcia de Oliveira (2007) de que “a pedra tem sido progressivamente substituída por nova forma de uso, o *farelo* ou *pó de crack*”. (OLIVEIRA, 2007, p. 95, grifo nosso) Em nossas observações de campo presenciamos a venda preferencial de pedras embaladas de crack e apenas uma única vez o crack em pó. Esta forma de apresentação da substância psicoativa foi relacionada pelo comprador com o fato da droga ser proveniente do final, ou resto de uma grande quantidade, originalmente dividida em pedras menores de crack. O pó seria uma espécie de subproduto da divisão do “tijolo” original em pedras pequenas para a venda. Abaixo, podemos observar na imagem obtida por Luana Silva Bastos Malheiro do crack em estado bruto, anterior a sua divisão em pedras para venda.

Figura 9 – Crack em estado bruto, anterior a sua divisão em pedras para venda

Fonte: (MALHEIRO 2013, p. 179).

Para Lúcio Garcia de Oliveira (2007) haveria uma tendência a se macerar a pedra de crack para posteriormente vendê-la em pó e assim, obter-se maior lucratividade. O papelote com pó de crack corresponderia a uma fração da pedra de crack original e seria comercializado pelo mesmo preço, aumentando o lucro do vendedor.

Mesmo que não haja alteração de sua composição química, o farelo representaria uma forma mais rendosa ao traficante, já que amassariam as pedras e passariam a vendê-las na forma de farelo, garantindo que a quantia, antes referente à apenas uma pedra, fosse distribuída a dois ou mais papelotes, vendidos, cada um, pelo mesmo valor que o da pedra inicial, atitude, que por si só, acaba por justificar o desaparecimento das pedras do mercado como atualmente presenciado. (OLIVEIRA, 2007, p. 98)

Porém, mais que uma tendência, consideramos a venda do crack em pó uma exceção, ao menos nos locais por nós pesquisados. Mesmo considerando os ganhos potenciais dos traficantes, ele esbarra na grande disponibilidade de pontos de venda concorrendo entre si pela preferência dos usuários nas regiões estudadas, assim como da proximidade ou mesmo amizade e convivência entre usuários e vendedores, como foi o caso da “biqueira” com fumódromo em local fechado, por nós visitada algumas vezes. Lá, a divisão das pedras para venda era feita aos olhos do comprador, isto tende a dificultar a adulteração do peso do papelote, além de termos de considerar a disponibilidade de outros pontos de venda nas proximidades e mesmo dentro do mesmo lote, mais exatamente no barraco de trás. Isto possibilita ao comprador maiores possibilidades na escolha da melhor pedra de crack, enfim, o usuário de crack não mantém uma fantasmagórica passividade frente ao tráfico.

O desmonte do “chimbó” é feito para a retirada da “rapa”, ou para algum reparo como trocar o isolamento de plástico que possa estar permitindo o escape de fumaça do “fogãozinho”. Esta retirada requer a soltura do plástico derretido, geralmente grudado à parede externa do forninho que veda o cachimbo ao prender o alumínio dobrado sobre as laterais da tampa do forninho. Após a retirada da parte derretida, todo o plástico vedante pode ser removido, assim como o alumínio que tampa o “fogãozinho”. Este pode ser reparado e/ou raspado, para retirada da “rapa” ali

grudada que tende a fechar os furos do alumínio indispensáveis à entrada da fumaça oriunda da queima da pedra sobre ou misturada com cinza de cigarro. A retirada dessa borra requer um cuidado maior para não danificar o metal, principalmente no caso de um alumínio que se queira reaproveitar. Pode-se usar papel ou o mesmo plástico de vedação para a limpeza. Para a retirada da borra do “fogãozinho” e “caninho” usa-se material contundente, de espessura suficientemente fina para permitir-lhe alcançar e percorrer todo interior do “fogãozinho”, “caninho” e encaixe quando houver. O “raspador” pode ser um pedaço de arame qualquer ou uma vareta de guarda-chuva, esta última muito valorizada por ser longa e possuir um formato côncavo apropriado à raspagem sem retirar material metálico das paredes do “fogãozinho”. Este material caso retirado se uniria a “rapa” podendo influenciar seu gosto, assim como provocar males à saúde, ou seja, um procedimento espontâneo de redução de danos por parte dos usuários de crack.

No livro *Retrato de um viciado quando jovem* de Bill Clegg, o “raspador” é coincidentemente descrito como um pedaço da armação de guarda chuva. Em nosso país, sabemos do aproveitamento destes pedaços do guarda chuva para a fabricação de “caninhos”, além dos raspadores. Porém, nos EUA, o cachimbo a ser raspado é significativamente diferente. Nesse país, como no Canadá, o crack é fumado em tubos de vidro como o pertencente à coleção do autor e mostrado a seguir:

O tubo de vidro é convenientemente disfarçado sob a aparência de uma caneta. Caso se tente escrever com a caneta, ela irá funcionar perfeitamente. A necessidade de disfarçar um produto destinado ao consumo de uma substância proscrita e estigmatizada pode ser ainda observada neste outro tipo de simulacro, na forma de uma rosa presenteável colocada em um tubo de vidro, chamada *Love Roses*⁵⁹:

59 Os tubos de vidro para consumo de crack, *Love Roses*, podem ser visualizados no link: <<http://www.porkulent.com/2013/11/how-to-prepare-coffee/>>.

Figura 10 – Tubo de vidro para consumo de crack

Fonte: Coleção pessoal do autor.

Esse tipo de cachimbo é completado por uma palha de cobre introduzida em uma das extremidades do tubo para possibilitar a queima da pedra. Podemos observar o conjunto completo nas imagens a seguir:

Figura 11 – Preparo do crack em tubo de vidro

Fonte: <http://www.sandiegoreader.com/weblogs/autobiography-channel/2011/aug/24/my-homeless-year-confessions-of-a-former-crackhead/>.

Vemos o conjunto na forma como é vendido e coincidentemente do mesmo tipo de nossa coleção. A pedra de crack é depositada sobre a palha de cobre⁶⁰ dentro do tubo de vidro, pronta para uso e a seguir, a pedra é aquecida para produção da fumaça. Esta fumaça passa pelo tubo até ser sorvida pelo usuário, porém, parte dela irá por arrefecimento, sublimar novamente ao estado sólido e depositar-se na parede do tubo. A “rapa” consiste nesse produto, posteriormente raspado para novo uso. O uso do raspador nestas condições é descrito no livro de Bill Clegg (2010) da seguinte forma:

‘Passe o raspador’, Mark grunhe. Seu cachimbo – um pequeno tubo de vidro com Bombril enfiado numa das pontas – está repleto de resina e por isso, depois que ele raspa tudo e coloca o Bombril de novo, a gente sabe que vai poder fumar pelo menos mais algumas vezes.

[...] Eu entrego para Mark a vareta de metal pontuda que até ontem à noite fazia parte da armação de náilon de um guarda-chuva. Raspadores são feitos de todo tipo de coisa – os mais comuns são de cabides de metal, aqueles sem pintura; mas as armações dos guarda-chuvas têm varetas longas e às vezes concavidades meio cilíndricas, que são particularmente eficientes para raspar cachimbos e conseguir uma ou duas tragadas milagrosas [...]. (CLEGG, 2010, p. 12-13)

O uso da marca Bombril, como ocorre na tradução acima, para designar a palha de cobre utilizada pelos usuários de crack dos EUA e Canadá pode levar a imprecisões. Bombril é uma marca de palha de aço e não de palha de cobre. A palha de aço queima rapidamente e produz uma fumaça tóxica, já a palha de cobre é bem mais resistente à queima e por isso mais propícia ao uso no cachimbo.

60 Uma conhecida marca de palha de cobre muito utilizada pelos usuários de crack norte-americanos, pode ser visualizada no link: <<http://www.moneyboy.at/crack-aus-dem-automaten/>>.

Outro item importante do “maquinário”⁶¹ é o isqueiro, comumente chamado pelo nome da marca “Bic”, não importando tratar-se de item original, o isqueiro da marca Bic, ou não. É possível obter um “furador”, ao romper a chapa por onde sai a chama e curvá-la para cima. Fora do uso, este “furador” pode ser reconduzido de volta à tampa por simples movimento de pressão. Assim, esta parte recortada da chapa é levantada por um movimento do dedo sobre ela, podendo ser utilizada para fazer os buracos necessários no alumínio do “boris” e, posteriormente, guardada outra vez.

Figura 12 – Isqueiro com furador

Fonte: Coleção pessoal do autor.

Na maioria das vezes, o “furador” é um pedaço fino de arame qualquer, ou mesmo o alfinete de um brinco que se preste à finalidade de produzir os furos necessários no alumínio do cachimbo. Sobre estes furos vai a cinza de cigarro, inclusive ao fumar-se no Yakult ou no copo de água descartável. O cigarro é fundamental para o consumo do crack. Isso é socialmente traduzido na figura do “cigarreiro”, pessoa presente nos locais de consumo e responsável por abastecer os usuários com ci-

61 “Maquinário” é a categoria para referir-se ao que usualmente se chama de parafernália de uso, porém, é um termo mais apropriado dado sua complexidade como veremos abaixo.

garros vendidos em maços ou a granel, ou mesmo trocados por “tragos”. Ele é comumente chamado por este nome e, assim, o usuário necessitado de seus serviços pode simplesmente gritar “cigarreiro!” e logo este se aproximará com o maço à mão.⁶²

O “boris” e a redução de danos

A Associação Internacional de Redução de Danos (IHRA), sediada na cidade de Londres, define as práticas de redução de danos como aquelas que visam reduzir as consequências adversas do uso de drogas através da identificação de certos riscos específicos, suas causas e partindo de “um diagnóstico correto do problema”. (IHRA, 2010, p. 2) Entre os anos de 2002 e 2005 foram realizados no Brasil, cinco projetos piloto de redução de danos entre usuários de crack e todos enfrentaram, de modo mais ou menos acentuado, imensas dificuldades. Estas foram atribuídas pela pesquisadora Andrea Domanico, a forma dos financiamentos dos projetos, marcada pela “ditadura dos projetos”, e ao elevado grau de exclusão dos usuários atribuído ao “pânico moral” (DOMANICO, 2006, p. 9) em torno do crack.

Após pesquisa e análise dos projetos, Domanico tece diversas críticas e faz sugestões sobre a “ampliação do conceito de redução de danos para além da saúde” (DOMANICO, 2006, p. 175) e o estabelecimento de “canais de discussão entre os usuários e as equipes dos projetos”. (DOMANICO, 2006, p. 176) Para a autora, os projetos de redução de danos deveriam ser incorporados aos serviços de saúde como medida de saúde pública.⁶³

62 A presença do cigarreiro diz respeito à Cracolândia ou lugares com um número considerável de usuários.

63 Seus participantes através da ação política e do protagonismo dos próprios “craqueiros” poderiam “incentivar as instituições não governamentais a exercer o controle social sobre instituições públicas, além das de saúde, para a criação de políticas de inclusão para os craqueiros”. (DOMANICO, 2006, p. 192)

Ao analisar o processo de popularização do crack e decadência do uso da cocaína injetável e seus efeitos sobre o trabalho das equipes de redução de danos acostumadas a trabalhar com troca de seringas e formadas, muitas vezes, por usuários de drogas por via intravenosa, a autora observa que: “Todos iniciaram suas intervenções com usuários de drogas injetáveis que tinham como prioridade a prevenção das DST/Aids e hepatites virais através do incentivo do não compartilhamento dos apetrechos para o uso de drogas injetáveis.” (DOMANICO, 2006, p. 177) Isto levou os “cracados” – como eram designados aqueles que trabalham com redução de danos entre “craqueiros” – a repetir a prática “instrumental” da substituição de insumos ‘sem levar em consideração a solicitação feita pelos ‘craqueiros’.” (DOMANICO, 2006, p. 183) O fato seria também uma consequência da “ditadura dos projetos” que exigiria resultados mensuráveis e de curto prazo.⁶⁴ Dois exemplos de pouco sucesso na distribuição de “apetrechos” voltados à redução de danos aos usuários de crack foram a piteira de silicone e o protetor labial. O primeiro foi inspirado em um kit distribuído aos usuários de crack da cidade de Paris e se revelou de difícil adaptação aos diversos tipos de cachimbos existentes. Atualmente, a distribuição de ambos foi abandonada pelo projeto pesquisado na época pela autora.⁶⁵ O que parece ser a comprovação da

64 “Todos os projetos já tinham equipes de redutores de danos trabalhando no campo, com a experiência anterior de trabalhos com o uso de droga injetável. Para o uso de droga injetável a resposta dos projetos e do próprio poder público na adequação dos insumos foi mais eficiente e ágil, na medida em que as equipes passavam a conhecer a realidade do uso injetável e informavam ao poder público que o equipamento disponibilizado não era adequado, a resposta era mais assertiva. Isso talvez porque para o uso de droga injetável as adequações dos insumos eram mais bem justificadas, como prevenção a doenças, enquanto que no crack a justificativa tem a ver com a melhoria da relação do usuário com a sociedade”. (DOMANICO, 2006, p. 182)

65 “Este projeto parece ter conseguido a inclusão de um insumo que atendessem às reais necessidades dos usuários de crack atendidos, levando em consideração as especificidades do uso de crack daqueles usuários”. (DOMANICO, 2006, p. 184) Porém, como observamos em nossa pesquisa de

necessidade de seguirmos sua recomendação e de certa forma também da IHRA, de “ouvir o usuário e construir insumos que não alterem o seu ritual de uso”. (DOMANICO, 2006, p. 184)

O cachimbo de fumar crack não se presta facilmente a técnicas de substituição ou acréscimo de apetrechos por ser um instrumento complexo, fruto de anos de aprendizagem e desenvolvimento em meio a um ambiente marcado pelo proibicionismo, mas ao mesmo tempo pelas possibilidades abertas pelos materiais e forças presentes no ambiente urbano. Ao contrário dos usuários de crack norte-americanos tanto estadunidenses quanto os canadenses, ambos presos ao produto industrializado, seja o tubo de vidro ou a palha de cobre, o usuário brasileiro é autônomo com relação à indústria, se valendo da reciclagem dos mais diversos materiais e não aceita se sujeitar à indústria, sequer via equipes de redutores de danos e suas tentativas de substituição de insumos.

O “bloco” e o “trago”

Quando produzido no Brasil, o “bloco” ou pedra de crack é geralmente feito a partir do cozimento da pasta base da cocaína, ou “giz”, com bicarbonato de sódio, isto pode ser feito, por exemplo, em uma panela de pressão sobre a chama de fogão doméstico ou em uma fogueira numa calçada, ou praça pública. Para aumentar a lucratividade, impurezas podem ser acrescentadas como farinha ou maisena. Portanto, existem pedras com diferentes níveis de pureza e os usuários estão muito atentos a isto. Reclamam da má qualidade da pedra de uma “biqueira”, deixam de adquirir em um local e o trocam por outro, exaltam a pedra da Cracolândia em detrimento do “bloco” do bairro e vice-versa. Podem comentar haver no bairro o melhor “bloco” e

campo na Cracolândia, esta distribuição teve vida muito curta e foi interrompida há alguns anos deixando raríssimas recordações entre os atuais frequentadores do local.

no centro o pior. Assim, sua qualidade pode variar com o fornecedor, havendo “blocos” considerados do “tipo A, B ou C”. Ou mesmo, com nomes próprios como, por exemplo, a pedra “Incrível Hulk”, este apelido é devido a sua cor esverdeada e alta qualidade. Há também a pedra “à óleo”, feita exclusivamente da parte superior da fervura da pasta base com o bicarbonato e água, sem o acréscimo de impurezas. É um erro considerar o crack, uma espécie de subproduto da cocaína, tanto quanto a feijoada foi, há tempos, considerada “a sobra” do alimento da Casa grande. (BOLAFFI, 2004) A grande quantidade consumida em ambos os casos, não permite a produção por “restos”. Fica aí, mais provavelmente uma questão de classe reforçada ideologicamente a partir de certos produtos.

Por esta forma de pensar, o crack do pobre e a feijoada do escravo só poderiam ser feitos a partir das sobras do leitão do senhor e da cocaína dos ricos. Mas não são! O crack é produzido da mesma pasta base da produção da cocaína, fato confirmado por relatos de quem produziu as duas variedades e pela literatura. (ARAUJO, 2012)

Figura 13 – Usuário desmonta guarda-chuva para retirada dos caninhos

Fonte: Coleção pessoal do autor.

O tamanho da pedra é padronizado em uma cidade, ou região. Em São Paulo, ao adquirir-se uma pedra espera-se obter

o suficiente para seis tragos, na cidade de Santos, o dobro. O “trago” é a unidade de consumo do “bloco”. Pode significar tanto a quantidade colocada sobre o cachimbo ou “boris”, quanto o ato de fumar. Alguém, ao “favorecer”⁶⁶ outro, pode referir-se ao pedaço do “bloco” ofertado como trago, “está aí seu trago” e quem recebeu o pedaço da pedra, ao fumar, pode observar: “agora, vou dar meu trago”. “Dar um bom trago” pode ser considerado o objetivo final do usuário e, para tanto, há de contribuir uma série de fatores. Mesmo esta unidade, o “trago”, pode ser repartida como veremos agora. O ato de colocar a boca no orifício do “caninho” do cachimbo e aspirar a fumaça, enquanto o o “Bic” aceso queima-se a pedra, pode ser dividido geralmente em dois movimentos. No primeiro, comumente aquece-se previamente o “trago” colocado sobre a cinza do “boris” antes de iniciar sua aspiração. Com isto, o “trago” derrete e mistura-se à cinza formando um todo mais coeso e estável em comparação com o pedaço do “bloco” solto sobre o alumínio perfurado do cachimbo. Isto permite a movimentação do conjunto para os lados e facilita o contato com a chama evitando a queima dos dedos, particularmente o polegar, caso seja necessário inclinar-se o isqueiro 90° para acender um cachimbo com o “fogãozinho” postado na vertical. Assim, é possível compreender a existência de usuários habituais de crack que possuem os dedos preservados, sem queimaduras.⁶⁷ Certa vez, perguntei a um “vapor” porque alguns usuários de crack deixam os dedos queimados e outros não:

Ygor – Esse negócio de queimar o dedo, também queima quem quer, né?

66 “Favorecer”, no contexto desta frase, é o ato de fornecer crack a alguém, porém, com um comprometimento em termos de gravidade da situação e dívida adquirida menor que “fortalecer” alguém.

67 Parece-nos que ao invés deste registro: “O constante aquecimento dos cachimbos fere ainda os dedos utilizados para bem posicionar o instrumento durante a tragada.” (RUI, 2012, p. 271) A queima dos dedos deve ser buscada em uma dinâmica relacional mais complexa que a simples mecânica de uso.

Dobem – Não, quem deixa se levar. ‘Sou da marginália, sou do crack’.

Deixar os dedos queimarem e portar no corpo as marcas estigmatizantes de usuário de crack pode estar vinculado ao desejo de, através da marca corporal, demonstrar certa adesão a um grupo estigmatizado e a um modo de viver. Na relação usuário/cachimbo é possível acompanharmos, na prática, o vínculo entre estes dois actantes (LATOUR, 2008), onde não há mais dominadores (sujeitos) nem dominados (objetos). (LATOUR, 2001) Em que o corpo é posto em movimento e aprende a ser afetado pelas diferenças “rapa” branca/preta; cinza branca/preta; “fogãozinho” de cobre/aço; “caninho” curto/longo; alumínio muito/pouco perfurado e poderíamos listar mais uma gama de outros agentes neste coletivo. (LATOUR, 2012) Após aspirar a primeira vez, pode sobrar parte do “trago” não consumido sobre a cinza. Este será fumado em nova combustão sob a chama do “Bic”. Assim, o “trago” estará completo. Ao mesmo tempo, entre um movimento e outro, parte da fumaça pode ser preservada após o “trago”, no interior do cachimbo, bloqueando-se o “caninho” com o polegar. Tanto esta fumaça restante no interior do cachimbo quanto o resto de “trago” não queimado podem ser dados em “favorecimento” a alguém, ou “segundinha”. Entra então, no circuito da “treta”, tratada a seguir.

Figura 14 – Um “bom trago”

Fonte: Coleção pessoal do autor.

A roda de crack

Pessoas sentadas próximas umas das outras, fumando e interagindo entre si, sob os efeitos excitantes da fumaça inalada, constitui uma prática, possivelmente, anterior ao surgimento das primeiras civilizações humanas e ainda está presente entre os usuários de crack. O cachimbo não passa obrigatoriamente de mão em mão, mas há um compartilhamento ocasional. Geralmente, cada usuário dispõe de um cachimbo próprio e este é constantemente aferido, arrumado, consertado, rearranjado e até mesmo refeito. É um processo de constante desestabilização e estabilização (LATOURET, 2012) em que o cachimbo de crack trabalha e não trabalha muitas vezes ao dia, por isto, não se permite que ele seja esquecido. É um não-humano avesso à invisibilidade e exige uma constante negociação, um actante em sua relação com o corpo, um mediador por excelência. Como um “bloco” pode ser dividido em seis “tragos” em média e como o objetivo da roda é proporcionar a todos um bom “trago”,⁶⁸ dificilmente ele será fumado na integralidade por um único usuário. Este será possivelmente convidado a “favorecer” ou mesmo “fortalecer” alguém. O primeiro termo tem um significado mais brando em relação ao segundo, que é mais trivial. “Fortalecer” alguém seria como fazer-lhe um imenso favor, enquanto ser favorecido significa ser ajudado, ou receber algo de valor, porém, sem resultar em uma grande dívida ou obrigação. Ao pedir para ser fortalecido por um “vapor” em uma “biqueira”, um usuário disse: “pode chamar nós até pra carregar caixa eletrônico e pode pá”. Dispõe-se a trabalho perigoso em troca de um grande favor e faz do “vapor” seu credor.

A circulação dos “tragos”, ou a sexta parte do “bloco”, assim como do material necessário para o reparo dos cachimbos e consumo do “trago” como cigarro, “furador” e o isqueiro “Bic”,

68 “Dar uma paulada” também é uma expressão utilizada que contém do mesmo sentido de dar “um bom trago”.

fazem parte da “treta”. Nela, além do já exposto, entra tudo aquilo passível de ser trocado: vestimenta, calçado, telefones celulares, relógios, água e comida. Embora, a venda ou mesmo a simples troca destes dois últimos elementos seja algo, muitas vezes mal visto, e é claro, o dinheiro. Um “trago” pode ser comprado por R\$ 2,00, ou trocado por uma camisa na roda de crack, antigos “favorecimentos” podem ser lembrados e retribuídos. Vínculos de amizade, relacionamentos amorosos e hierarquias são postos a prova e então confirmados, fortalecidos ou fragilizados e até mesmo destruídos. A “treta” é um agenciamento constantemente presente na rede social dos usuários; nela, diversas materialidades são colocadas em relação e traçam a tessitura das interações.

O *ethos* subjacente a estas práticas tem na “sintonia” seu sentimento positivo norteador e na “radiação”, um traço negativo. A “sintonia” é o sentimento de confiança e empatia entre usuários partilhando a mesma droga, o contexto favorável à “brisa” deleitosa, uma agradável sensação de paz, segurança e comunhão. A “radiação” é seu inverso, trata-se da discórdia, da desconfiança e do medo. É o efeito de que alguma pessoa pode “meter o louco” ou “arrastar” outra ou mesmo, todo um grupo. É a quebra da reciprocidade, o roubo, a traição, o abuso de confiança e o desrespeito. Uma “brisa horrenda e medonha” também tem o poder de trazer “radiação”. Pode arrastar ou contaminar todo um grupo e mesmo gerar “aproximação”, expor aquelas pessoas, chamar a atenção sobre elas. Neste sentido, a “brisa” é também performance (ALMEIDA; EUGENIO, 2008) e parte constituinte do contexto de uso, como no diálogo abaixo, obtido em campo, com um ex-usuário de aproximadamente 35 anos de idade

Ygor – Cara, vem cá, ‘brisa’ é uma coisa mal vista, né?
Antônio – Aí depende. A ‘brisa’, o efeito que ela dá. Tem ‘brisa’ que você fica, poxa, você acaba ‘roubando a brisa do outro’. O que é de prazer, o que é de curtir. Porque você vai ficar preocupado com alguém que vai ficar olhando pra

você. Assim, não fica sossegado. Então, o cara que tá curtindo numa boa... acaba tendo a atenção virada pra você. Ygor – O cara que tá curtindo numa boa, tá ‘brisando’ também.

Antônio – Claro. A sua ‘brisa’ é diferente. Acaba sendo ‘medonha e horrenda’... e arrasta... ‘O cara arrasta, meu. Você é louco’. Arrasta, ou seja, é muito mal visto. Chama muita gente pra ficar olhando. ‘Fica chamando radiação pra cá’... ‘Aproximação’. ‘Não dá pra fumar com esse cara não. Vamos embora.’ Tem cara que entra dentro dos hotéis e fica de boa lá, assistindo televisão a noite inteira, trocando ideia. Não fica encanado com ninguém. ‘Eu tô pagando essa porra.’ ‘Tô pagando, tô usando a minha droga, não roubei de ninguém.’ ‘Vou ficar aqui de boa, cara.’ (Risos). ‘Que se foda todo mundo.’

Estas materialidades presentes na rede social do uso de crack e que inclui os diversos saberes juntamente com o “bloco”, o usuário, a roda de crack, o “vapor”, cigarreiro, as cinzas, a comida, a água, o alumínio, o plástico, o “fogãozinho”, o “caninho”, os lábios, os pulmões, o fôlego, o Bic, a chama, o “fura-dor”, os dedos, a língua que sente o gosto e o aprecia ou não, o coração mais ou menos acelerado, todo o sistema nervoso, o barulho das sirenes, a radiação, o estômago e o sono. Todos se encontram em relação na rede de atores numa textura de agenciamentos. (LAW, 1992)

Vimos acima, como se dá um “trago”. Agora devemos salientar seu aspecto coletivo. O proibicionismo e a ilicitude formam o pano de fundo, o dado estrutural fundamental do consumo de crack. Lidar com isso, ser capaz de usar sem medo é condição para a “sintonia” e, objetivamente, para a segurança do grupo desviante. A roda de crack não se encontra alheia ao mundo. É parte de seus valores, o respeito pelos não usuários. “Olha o anjo” é a frase pronunciada, por exemplo, na aproximação de uma criança e imediatamente o uso cessa em sinal de respeito. O mesmo ocorre na passagem de qualquer não usuário por perto, como um transeunte. Os usuários são conscientes do impacto negativo causado pela sua prática e o evitam, tanto quanto, ou

até mais, do que se guardam de serem vistos pela polícia. Não se encontram, portanto, fora de nossa cultura, mas fazendo dela uma leitura alternativa. Existem, assim, situações em que agirão dentro do considerado majoritariamente como “normal”, enquanto, em outras, possam adotar comportamentos divergentes. (VELHO, 2013, p. 50) Certamente, existem situações em que pode ocorrer o uso individual, como quando, no decorrer de uma “caminhada”, o usuário se encontra longe de seu local de permanência mais constante, ou então, quando ele estiver de posse de uma quantidade demasiadamente pequena da substância. Porém, o uso em roda, na companhia dos “parças” é o preferencial. Tanto dentro quanto fora da roda, a “treta” é generalizada. Além disso, insumos vindos de fora são frequentemente necessários e bem-vindos. Um usuário em uma roda pode chamar a atenção dos vizinhos para suas necessidades e possibilidades de troca: “Quem favorece água? Favoreço cigarro! Cigarreiro!”.

Para um neófito, aprendiz do uso do crack, o indicador de que está “brizando” pode ser um zumbido no ouvido. É muito comum ouvir a máxima “cada um tem sua brisa”. Assim, esse aspecto idiossincrático da percepção dos efeitos (MACRAE; SIMÕES, 2000) deverá ser considerado em seu contexto social abrangente. A “brisa” certamente varia, mas esta variação, seja ela qual for, se dá em um contexto de uso. Um usuário, com formação acadêmica e de classe social superior à do comum dos frequentadores de certa “biqueira”, pode “brisar” corrigindo reiteradamente a gramática dos demais participantes da roda de crack. Uma senhora por volta dos 70 anos de idade, frequentadora de uma “biqueira” com fumódromo, quando “brisa-va”, se levantava e permanecia soturna e estática, com a bolsa sob o braço, como se fosse partir. Tal sinal corpóreo, tomado como indicador de que o uso está tendo os efeitos desejados, é procurado pelo novo usuário a partir de indicações feitas pelos outros na roda de crack, durante o processo de aprendizado

(BECKER, 2008) para identificar efeitos e atribuir a eles uma positividade. Isto é similar ao que ocorre entre usuários de maconha em uma roda de fumo. (MACRAE; SIMÕES, 2000) “A ‘brisa’ boa é quando dá um tuim”. Ao perguntar a Salomão, um usuário, como era sua “brisa”, obteve a seguinte resposta: “Depende do lugar e da circunstância”. A “brisa” tida como sensação agradável depende da “sintonia” na roda de crack.

Zezé, o mesmo artista plástico supracitado por volta dos 45 anos de idade, encontrou-se certa noite cercado por revistas pornográficas em seu barraco e na presença de uma moça jovem e bonita, e informou que:

Zezé – Eu uso porque me dá prazer. Se todo mundo tivesse a ‘brisa’ que eu tenho, o crack não ia valer 10, ia valer 30 [...] Porque minha vida é boa, entusiasmado pra trabalhar, planejo e executo. E tenho um grande aumento da libido [...] A minha ‘brisa’ é a libido.

O mesmo usuário, aliado do contexto de seu barraco, sentirá outro efeito, não será mais o prazeroso conforme descrito acima, mas, o crack passará a servir como combustível para o corpo fatigado. Mudado o contexto, altera-se o propósito, varia-se o efeito.

Zezé – Eu sou uma pessoa ainda presa a situações sociais que me deixam com vergonha, inseguro de fumar numa calçada. Não tenho brisa. Se estiver fumando em uma calçada é pra ficar acordado, pra seguir em uma caminhada. Não pra poder ter prazer. Prazer, pra mim, é estar fumando dentro de um barraco, lendo uma revista, trocando uma ideia, alisando uma gostosa. Mas na rua, ou eu tô ali, no meu limite. Lembra da agulha vermelha do combustível já acabando? Eu estou na calçada, buscando uma treta pra me manter acordado até o próximo lance, um trabalho, o próximo [...]. (grifo nosso)

O uso no “corre”, como observa o usuário Zezé acima, não é hedonista, mas voltado à produtividade do trabalho, é combus-

tível a ser queimado. Porém, este mesmo “corre” pode ser considerado como o ritual de obtenção de fundos para a droga. Um ritual absorvente e capaz de proporcionar a aventura de um dia inteiro para quem, de outra forma, poderia estar entediado ou frustrado. (LEARY, 1999, p. 432) O chamado *binge* de crack, ou seu uso até esgotarem-se todas as forças e posterior estado de prostração do usuário, pode ser compreendido na situação de rua, como associado a um estilo de vida. Como não há espaço físico para se dormir confortavelmente, o sono só viria como resultado e possibilitado pelo completo esgotamento de forças. Ao encontrarmos Zezé neste dia, ele havia acabado de acordar em seu barraco e estava bem-disposto, porém, juntou-se a nós um usuário que declarou estar cinco dias acordado, ele não possuía barraco e possivelmente só viria dormir no completo esgotamento de suas forças. Mais à frente veremos uma descrição pormenorizada do próprio Zezé sobre o uso até o esgotamento do usuário de crack.

O uso do crack pode estar ligado a “brisa” nas formas mais distintas possíveis, como a de Vô, descrita anteriormente e que consistia em levantar-se agarrar a bolsa, permanecer silenciosa, estática e aparentemente pensativa. O “corre” como é vivenciado pelos usuários pode corresponder àquilo que T. Leary descrevia como uma aventura capaz de preencher um dia inteiro, porém, é interessante observar como a “brisa” pode preencher o cotidiano e transformar-se em estilo de vida. Como no caso abaixo, o de menina e ladra de rua:

Eu não gostava de traficar, porque a minha ‘nóia’ era roubar, onde eu estivesse. Podia ter até mil reais na mão, ter droga dentro da calcinha, que eu dava um ‘pega’ e tinha que roubar. Não sei por que, Eu tinha que roubar. Cada um tem um tipo de obsessão, a minha era roubar. (ORTIZ, 2001, p. 104)

Uma coisa muito boa também é ser honesta. Isso é legal, porque de vez em quando vem a vontade de roubar. Às vezes do nada vem a vontade. Às vezes eu seguro minha

mão e ando assim no meio da rua. É mais no centro da cidade que me dá vontade. Então eu ando segurando minha mão, porque é compulsivo, roubar vira uma doença. (ORTIZ, 2001, p. 207)

“Brisa” de roubar em uma vida na rua como ladra. O efeito do uso do crack em determinado meio permite a exteriorização da “brisa” como disposição durável. Um princípio gerador de práticas regulares associadas a este meio, no caso de Esmeralda Ortiz, foi o centro da cidade de São Paulo e o ato de roubar. Assim, o uso do crack por uma menina em situação de rua como caso de Esmeralda pode predispor a um estado habitual de seu corpo, ao ponto de ela ter de segurar a mão, ser uma tendência, inclinação ou propensão, enfim, parte de um *habitus* como sistema de disposições. (BOURDIEU, 2003) Entender a “brisa” como uma disposição que em determinada exterioridade pode compor um *habitus*, nos abre a possibilidade de novo olhar sobre a expressão “sou da marginalia, sou do crack” e a corporalidade do craqueiro. Ele, com seu andar peculiar, meio arrastando as pernas um pouco bambas, sua voz por vezes extremamente rouca, seus dedos queimados, a boca rachada e por vezes com um pouco de baba branca a se acumular nas laterais dos lábios. Acompanham estas características físicas suas roupas geralmente encontram-se sobrepostas em arranjos criativos de camisetas por cima de camisas e bermudas a cobrir calças. Assim, ser do crack é possuir certas percepções sobre os acontecimentos na rua, como a “radiação”, ser capaz de certas apreciações, julgamentos e ações. Ser do crack é ter discernimento quanto aos riscos e possibilidades da vida em torno de uma “biqueira”, enfim, dispor de uma “*matriz de percepções, de apreciações e de ações*” (BOURDIEU, 2003, p. 57, grifo do autor) que torne possível a realização, entre outras ações, da “treta” e do “corre”.

Ainda sobre a “brisa”, outro usuário nos afirmou que fumar na rua, exposto à presença da polícia e de não usuários, lhe

“rouba a brisa”. William Burroughs fala em “tiranóia”, a paranoia capaz de assemelhar todos a tiras. (BURROUGHS, 2013, p. 73) Portanto, para dar um “trago” e obter a “brisa” desejada não é suficiente, o importante serviço prestado pelo “vapor” aos usuários é proporcionar o “bloco” em locais com condições propícias à “brisa”. É possível dar o “trago”, mas isso é considerado um desprazer, ou seja, dar um “trago” sem obter os efeitos desejados. Um local pouco apropriado pode tornar a “brisa” difícil ou mesmo impossível. Até uma companhia desagradável coloca em risco o “trago”. Um “boris” mal calibrado, com furos a mais ou a menos no alumínio, pode tornar a tragada inviável a quem esteja sem fôlego devido a um longo período de uso ininterrupto. Um plástico mal colocado pode queimar e, assim, contaminar a fumaça inalada e estragar o seu sabor. Um “caninho” entupido pela “rapa”, com comprimento ou largura inadequado ao conjunto “fogãozinho”/alumínio, ou uma entrada de ar por fora dos furos do alumínio, assim como tantas outras combinações destes fatores fazem do cachimbo de se fumar crack algo de grande plasticidade e de difícil calibragem. Seus usos e os efeitos provocados são relativos aos diversos estados corporais do usuário, assim como ao seu estado de alimentação e cansaço no momento da tragada. É corpo, contexto social (com o perdão de Latour) e propósito de uso entrando em relação com uma droga e os meios de administrá-la, e, todos em conjunto, ajudando a plasmar os efeitos percebidos. (FERNANDEZ, 2007) Como os atores são efeito das redes sociais (LATOURE, 2012), porque não irmos além e considerarmos os “efeitos” do crack, não mais como consequências do uso de uma substância, em um ambiente, dentro de um corpo, mas como efeito da rede. Há uma opinião corrente na academia de que não se consegue colocar em palavras estes “efeitos”, mas ao compartilhar com Latour que “o que não pode ser dito pode ser articulado”. (LATOURE, 2008) Somos convidados a pensar nos “efeitos” também como implicações da rede. A “brisa” não tem causa

única na droga, ou em outro agente, mas está em relação com estas materialidades, sendo por elas mediada e transformada no coletivo.

A roda de crack, a TAR e o cachimbo como “coisa”

A chamada Teoria Ator Rede (TAR) nos permite atribuir à materialidade dos artefatos a agência própria dos atores, ao provocarem transformações no interior de relações, assim, não-humanos tornam-se mediadores pela sua força de transformação e agência. (LATOURE, 2012) Sem desprezar as pessoas, coube ao pesquisador assumir a heterogeneidade entre humanos e não-humanos e não sua simetria, na rede de relações. Para Latour, as associações entre estes elementos heterogêneos têm no social, não seu contexto, mas a sociedade passa a ser vista como a reunião destes elementos, tendo em vista que as ações são geralmente mediadas por equipamentos. Como vimos acima, não nos detemos apenas nos movimentos dos elementos humanos presentes no campo, mas por um princípio de simetria e negando a dicotomia ontogênica humano/máquina, nos atentamos também à agência dos não-humanos presentes no coletivo, principalmente o cachimbo de fumar crack. Essa produção conjunta do material e do social, os dois, partes do coletivo heterogêneo, foram descritas acima nos modos como estes são produzidos interativa e conjuntamente. Material produzindo social e vice versa, ambos mediadores, agenciadores e não simples intermediários, estes últimos transportando significados sem transformá-los (definir o que entra já define o que sai). Mas para os mediadores como o “boris”, temos de considerar que: “O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem o significado e os elementos que supostamente veiculam”. (LATOURE, 2012, p. 65) São enfim, capazes de afetar (LATOURE, 2008). Um computador em perfeito funcionamento é um intermediário, porém,

ao apresentar algum defeito, torna-se fonte do tipo de incerteza que o pesquisador deve seguir, ou seja, um mediador. Como vimos, o cachimbo de fumar crack é como um computador constantemente quebrado e reajustado para transformar o “trago” em “trago”.⁶⁹

Em um materialismo relacional, o social é pensado em rede e a causalidade deixa lugar aos efeitos interativos, relacionais, no nosso caso, entre usuários, “maquinário”, proibicionismo e todo o mais. Neste sentido, agência e estrutura devem ser pensadas em rede (LATOUR, 2012), sempre levando em conta que estamos constantemente na presença de vários atores, mesmo quando solitários, em relações heterogêneas que ultrapassam tempo e espaço. Assim, o proibicionismo estará presente no local mais seguro de uso e o cachimbo mais simples trará consigo as experiências de décadas de usuários. Mas, foi nas práticas que pudemos observar de perto como os mediadores fazem a translação e alteram circunstâncias em um resultado sempre inesperado (LATOUR, 2012) para cada ocasião. Um conjunto surpreendente de elementos humanos e não-humanos estão imbricados em agências capazes de produzir transformações, mesmo quando não estão fisicamente presentes, circulam.

Callon (2008) utiliza o termo “agenciamento sociotécnico” para tratar do que ocorre a partir do momento em que se introduz nesses agenciamentos “não só o corpo humano, mas os procedimentos, os textos, as materialidades, as técnicas, os conhecimentos abstratos e os formais, etc.” (CALLON, 2008, p. 310) Um esclarece o outro como um conjunto de agências desenredadas aos poucos de um nó. Este desenlace nos permite compreender como o uso do crack, ao considerar-se a agência do cachimbo, fez do usuário um híbrido. Ao mesmo tempo corpo, destreza, saber acumulado, tudo em relação na rede social.

69 Vimos que “trago” pode ser tanto o termo utilizado referir-se ao pedaço ou pedaços da pedra de crack que irá se fumar, quanto ao ato de fumar ou “dar um “trago”.

Em um constante refazer, o usuário de crack refaz seu cachimbo conforme as necessidades do seu corpo. Busca materiais, os troca na “treta” e transforma-os em “coisa”, num movimento renovado e vívido que busca “dar forma”. O cachimbo industrializado seria a morte da atividade frenética do artesão, agora, engessada na forma acabada. O craqueiro não precisa de um plano de cachimbo pré-estabelecido na mente. Ele tenta, adapta, improvisa, molda, acomoda, compõe, inventa, põe em movimento, aviva e traz à tona os materiais (recicláveis) presentes como forças no ambiente. No processo contínuo de geração do cachimbo como “coisa”, o usuário sempre busca uma forma nova e diferenciada de adaptar seu cachimbo conforme as necessidades do seu corpo, naquele momento particular. Os materiais presentes no “fluxo”⁷⁰ são introduzidos em um fluxo de transformações. Neste sentido, o usuário está cercado de “coisas” que ele mesmo ou seus pares deram vida em um campo de relações que os engloba. O cachimbo, o barraco com seu mobiliário e o carrinho para carregar material reciclado.

Este improviso altamente criativo não demanda necessariamente de um plano, embora alguns usuários afirmem planejar e é claro que assim também podem fazê-lo.⁷¹ Mas, o que se pode vivenciar estando em relação com eles são movimentos criativos que, mais que um plano, parece seguir “linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas”. (INGOLD, 2012, p. 27) O cachimbo está sujeito ao corpo do usuário de crack. Ao seu fôlego, à sua boca com ou sem saliva, com ou sem feridas, mais ou menos inchada. Ao vento, à chuva, à maior ou menor quantidade de cinza disponível, à pedra e suas mais variadas possibilidades quanto à pureza, dureza, consistência e facilidade ou dificuldade em derreter sob a chama de intensidade variável. É neste entrelaçamento de aconteceres que se

70 Neste momento, nos basta saber que “fluxo” diz respeito ao movimento da pedra entre os usuários.

71 Zezé, um usuário artista plástico, afirmou planejar seu barraco.

agregam todos os fios vitais a agir como forças sobre a criatividade do usuário, neles, o cachimbo de fumar crack é gerado e regenerado.

Observar o cachimbo é observar o usuário de crack em constante formação, ou reinvenção de si. O cachimbo real nunca fica pronto, portanto, não poderia ser planejado. O cachimbo é um mediador, mas também é “coisa”. Manipulá-lo é coisificá-lo. Fumar crack é colocar em movimento um processo de coisificação. Não um encontro com um objeto, mas o ato de fumar. O usuário não está de posse de um objeto, mas atuando ao fumar e ato contínuo, transformando e dando vida à “coisa”. Fumar crack é, então, uma maneira de habitar o mundo, de juntar-se ao seu processo de formação.

O alumínio perfurado é o chão do “trago”. Fumar crack é misturar a substância da pedra ao meio volátil que a circunda, por mediação do cachimbo. Ele promove a mútua permeabilidade e conectividade entre o meio e a pedra. Um equipamento no qual o ar, se combina com a “pedra” e o fogo. Uma geofagia simbólica que sublima, pelo fogo, a pedra em contato com o ar, a “terra” que se mistura com o “céu”. O cachimbo, sabiamente manipulado pelo craqueiro, coloca, assim, a pedra em relação com o fogo e o ar. Por meio dele, o fogo que queima, primeiramente, o ar, pode dar vida à pedra fazendo com que ela vaze e viva. Faz com que os materiais circulem e anuncia sua dissolução. O cachimbo tem sua forma dada na circulação de materiais (INGOLD, 2012) e nesta mesma circulação, sua dissolução e vida como coisa.

Os cachimbos dos redutores de danos, feitos em oficinas, são objetos sem vida. Eles só podem viver após serem imersos, como foram, nos locais de uso; aí tiveram que se tornar “coisas” e funcionaram mal. (DOMANICO, 2006) Colocado em movimento, o outrora objeto ganha forma em sua coisificação. O cachimbo é o seu tragar. Fora deste movimento, fora da “paulada”, é morto. A paulada não é a interação entre uma pessoa,

o usuário de crack e um objeto, o cachimbo. Se assim fosse, o cachimbo seria dotado de uma agência que, por vezes, se opõe ao usuário e o obriga a modificá-lo.

Para falar do cachimbo, seguimos seus materiais. Dentro do “fluxo” e do “fluxo”, materiais, os mais variados, são combinados, adaptados e transformados. O cachimbo é composto por uma matéria-fluxo. (DELEUZE; GUATTARI, 2004) O usuário precisa estar sempre atento ao seu cachimbo para impedir que ele se desajuste a um corpo posto em mutação pela ação da fumaça proveniente da pedra. O usuário de crack e seu cachimbo são como o jardineiro e seu jardim, este sempre atento para que a mata não tome conta. O craqueiro experto lidando o tempo todo com o caos, com a vida que se recusa em ser contida.

O cachimbo para funcionar depende, todo tempo, da troca contínua de materiais em seu interior, na sua superfície e fora dele. Um eterno dar forma criativo. O usuário de crack não faz sempre o mesmo cachimbo. Não repete uma receita presente previamente na mente. Ele segue os fluxos dos materiais disponíveis no ambiente, em um itinerário que acompanha a trajetória de sua vida. Os materiais, através do trabalho criativo, são trazidos à tona ao serem improvisados em coisas.

Dois contextos para rodas de crack: o fumódromo e a Cracolândia

O uso do crack depende do “fluxo”. Ele garante a disponibilidade da droga e mantê-lo é obrigação do “vapor” para com os usuários e a “biqueira”. Estar no “fluxo” é estar “na resposta”, no dever de alimentar a “biqueira” com os “blocos”. Não é à toa que o “vapor” está também no “corre”. Às vezes ele está literalmente correndo, como pudemos observar, entre a “biqueira da Estudantes” e o fumódromo a céu aberto da rua São Paulo. Existem “biqueiras” *stricto sensu*, locais de mercado e não de consumo (FERNANDES; PINTO, 2004) como a Estudantes.

Penso na etimologia do termo “biqueira” correlacionado às filas formadas em frente às fontes de água em favelas, a bica

d'água. Ao serem ocupadas pelo tráfico, as favelas passam a receber uma clientela de não moradores, interessada unicamente em adquirir a droga ilegal. A ilegalidade impede o comércio livre da droga e a exila a espaços igualmente ilegais, distantes dos ditames da lei. Quando conseguem se suprir de água encanada através de ligações clandestinas, os chamados “gatos”, seus moradores deixam de ter de se postar em fila na bica. Esta situação fica reservada aos frequentadores não residentes que vão em busca da droga, para eles tão preciosa à mente e ao corpo, como água para a vida. A sede se fez fissura, a água se faz pó e pedra. Ao invés das latas d'água na cabeça, bolsos e mãos fechadas a “segurar o flagrante”.

Ser “vapor” não é desempenhar o mesmo papel em qualquer lugar ou situação, independente do contexto. Ele pode ser mais ou menos ligado a “biqueira” ou estar mais ou menos por conta própria. À céu aberto, ou em lugar fechado. Pode acumular funções de gestão do local de comércio e uso, além de se responsabilizar pelo transporte dos “blocos”, agora, agrupados no “pacote”. Como uma espécie de concessionário, deve explorar e administrar um “espaço” de comércio ligado à determinada “biqueira”. Tem a obrigação de manter o fluxo e o monopólio do lucro na venda do “pacote”. Este lucro pode se dar na proporção de 14 para 10, medida observada em mais de um caso e confirmada por diferentes interlocutores. Cada “pacote”, transportado ou recebido, possui comumente a quantidade não acidental de 14 “blocos”. Isso é fruto do cálculo entre o risco da posse material do “flagrante” e sua otimização logística. Carregar mais “blocos” significaria correr maior risco de ser preso como traficante, por outro lado, ir e retornar da “biqueira” com uma quantidade menor obrigaria a um maior número de viagens. Um “pacote” comercializado por unidades de “blocos” a R\$ 10,00 cada possibilitaria o lucro de 40%, dado o valor a ser retornado à “biqueira”. Isto, pelo fato do “pacote” custar R\$ 100,00 e a soma obtida pela venda de 14 pedras ser

de R\$ 140,00. O “vapor” teria por lucro a diferença entre os R\$ 140,00 da venda e os R\$ 100,00 e retornaria para a “biqueira”. Porém, a rotina e as motivações de um “vapor” não se restringem a um cálculo tão simplório.

Os “blocos” em um pacote costumam sair da “biqueira” embalados um a um, porém, sempre há a possibilidade do “vapor” ser responsável por estabelecer, por ele próprio, as unidades para comércio. Seu produto são os “blocos” fornecidos por terceiros, sua praça, a “biqueira” e o preço, em São Paulo, atualmente é fixado em por R\$ 10,00 por “bloco”. Resta, então, ao “vapor” explorar suas possibilidades de promoção.⁷² Tendo essa liberdade, ele empreende todo o tempo. Nesse caso, trata-se de alguém que detém certa liberdade de ação e não de outro tipo de “vapor” que fica simplesmente postado em uma “biqueira”, realizando o trabalho repetitivo de perguntar a quantidade, receber o dinheiro e entregar o “bloco”. Um espaço de comércio e uso, muitas vezes, é abastecido por um “vapor/usuário”. Do seu quinhão de lucro, de quatro pedras por “pacote”, ele ou ela pode fumar uma, usar outra como moeda de troca pelos mais diversos bens e serviços, além de vender as outras na forma de promoção, por exemplo, seis pedras por R\$ 50,00.

Devemos considerar o “fluxo” como interesse da “biqueira” e valor em si mesmo. Retornar à fonte para novo carregamento significa trabalho bem feito pelo “vapor” na comercialização dos “blocos”; maior chance de permanência na função e a possibilidade de barganhas por pacotes mais bem servidos e “blocos” extras. Um “vapor” incapaz de garantir e promover o “fluxo” poderá ser substituído, terá de encontrar outra forma de fazer seu “corre” e bancar seu consumo de crack.

O “vapor” desenvolverá habilidades de venda de acordo com as contingências de sua atividade. Anunciará sua chegada ao fumódromo em alto e bom som, “Ó, o blocão”, assim como aler-

72 Os quatro Ps de Kotler: praça, preço, produto e promoção. (KOTLER; KELLER, 2006)

tará sobre “as últimas do pacote”, na esperança de alguém adquirir logo suas derradeiras pedras ante a iminência de ter de aguardar novo carregamento. Atualmente, as pedras de melhor reputação são a Incrível Hulk e “à óleo”, a tonalidade esverdeada da primeira a protege contra falsificações. O mesmo não ocorre com a última, assim, qualquer “vapor” da região central da cidade poderá declarar estar comercializando pedras à óleo. Este fato é semelhante ao ocorrido nos anos de 1987 e 1988, na região sudeste do país, com o despejo de 22 toneladas de maconha de excelente qualidade nas águas marinhas, pelo barco de bandeira panamenha Solana Star. A droga acondicionada em latas fez imenso sucesso e por alguns meses, todos aqueles dispostos a vender maconha declaravam estar comercializando *cannabis* “da lata”. (AQUINO, 2012) O “vapor” precisa ter habilidades de negociação e ser o mais condescendente possível com seus clientes. Estes avaliam o papelote oferecido para compra e o apertam para senti-lo. Mesmo após aberto, o usuário pode decidir pela troca caso não considere o tamanho da pedra condizente com suas expectativas. Quanto mais bem informado sobre a capacidade de compra dos frequentadores da “biqueira”, melhor poderá o “vapor” promover a formação de consórcios entre os usuários e, assim, unir o possuidor de seis reais, por exemplo, com outro de quatro, possibilitando a ambos adquirir um “bloco” de R\$ 10,00 . Porém, quanto mais o “vapor” puder fugir da responsabilidade da partilha do “bloco”, deixando-a para os usuários, melhor ele se sente.

O usuário de crack comumente reclama, assim, ele pode “radiar”⁷³ falando, por exemplo, da seguinte forma: “Essa aqui tá ruim”. Isto ele faz na expectativa de, em futuras compras, ter a quantidade aumentada, além disso, uma pedra de tamanho mais avolumado pode gerar expectativas e frustrações quanto às

73 “Radiar” é uma expressão êmica com o significado de trazer discórdia e incomodar.

demais. Não faltam artifícios ao vapor.⁷⁴ Ele pode oferecer múltiplas variações de preço e quantidade ao interessado, ou então deixar os últimos “blocos” em consignação, enquanto busca o próximo pacote. Isto possibilita a manutenção do “fluxo” mesmo em sua ausência, pois está certo de que, caso apareça algum comprador potencial, a informação sobre a presença de algumas pedras, nas mãos de determinado usuário e disponíveis para venda, será imediatamente comunicada por algum “parasita”, de quem trataremos mais à frente, ou pelo “contenção”.

Fazer a “contenção” é uma atividade recorrente em “biqueiras” e fumódromos. Consiste em receber os usuários, manter o mínimo de “disciplina” e alguma segurança com relação a investidas da parte de policiais, assim como de outros possíveis invasores. Varia conforme o contexto. Em uma “biqueira” localizada em comunidade favelada, por exemplo, o “contenção” pode ostentar uma arma e ser responsável por verificar as condições dos clientes, obrigando-os a levantar a camisa e a barra das calças, para se certificar que estão desarmados. Assim, no espaço da “biqueira”, seria ele o detentor do monopólio do uso legítimo da violência. É assim que tenta impor o mínimo de “disciplina” na fila de usuários, enquanto são atendidos. Neste ínterim, os usuários costumam reclamar do andamento do serviço, do fura fila, da qualidade da pedra ou comentam acontecimentos do dia relacionados à presença de polícia neste ou naquele local e discutem o estado de outras “biqueiras”. Curiosamente, seu comportamento não é muito diferenciado do esperado para uma fila de banco, ou mesmo para pegar água na bica. O “contenção” deve também garantir o atendimento

74 O pagamento não precisa ser integral, “Troco pra galo (nota de R\$ 50,00)”, caso o vendedor estiver sem troco pode deixar os “blocos” com o comprador e recolher o dinheiro depois. Essa técnica de vendas possibilita converter a diferença a ser dada por troco em nova compra algum tempo depois, quando os “blocos” inicialmente adquiridos tenham sido consumidos. A negociação pode incluir ofertas por quantidades maiores, cinco “blocos” podem ser oferecidos a R\$ 40,00, por exemplo, inteirando o troco que deveria ser inicialmente restituído.

preferencial e imediato às mulheres, que são colocadas em fila separada da masculina. Cabe também a ele, fazer certo esforço, embora geralmente sem muito sucesso, para impor o mínimo de seriedade correspondente a uma prática ilícita.

Em “biqueiras” menos estruturadas, o papel de “contenção” pode ser exercido por um “parasita” ali presente. Ao redor do “vapor” podem agrupar-se certo número de usuários, dispostos a prestar serviços em troca de um “trago”. Quando a gestão do fumódromo é deixada, totalmente ou em parte, sob a responsabilidade do “vapor”, este poderá valer-se dos “blocos” a mais auferidos em cada pacote para pagar pelos serviços necessários ao funcionamento do local. Fazer a “contenção” é um deles, assim como varrer o chão, retirar entulho, buscar água, trocar moedas por notas, arrumar o barraco do “vapor”, entre outras atividades. Ao abandonar momentaneamente a “biqueira”, o “vapor” pode deixar alguns “blocos” sob a responsabilidade do “contenção”, até seu retorno.

Figura 15 – Esquema do fumódromo a céu aberto

Fonte: Coleção pessoal do autor.

Fazer a “contenção” em um fumódromo pouco estruturado é atividade menos importante em comparação à venda dos “blocos”. A atividade pode ser desenvolvida por um indivíduo desarmado, ou em posse de uma faca para sua própria segurança. Um usuário antigo e frequentador do local não se sentirá intimidado pelo “contenção”. Seu *status* não é muito superior ao deste usuário e mesmo o “vapor” só exerce maior ascendência sobre o grupo de “parasitas” a ele ligado e mesmo assim, de modo instável.

A contabilidade do “fluxo” leva em conta certas informações: quantas pedras foram deixadas, com quem, em qual ocasião, sob quais condições de preço e prazo para venda e tantos outros favores e serviços prestados. Ela é feita periodicamente no “resumo”. Este encerra uma “situação” e é periódico. O “resumo” pode ser uma experiência desgastante e de certa tensão, dependendo da existência ou não de disparidades de avaliação entre o “contenção”, o “vapor”, alguma outra pessoa de referência no fumódromo e responsável pelo “fluxo” no momento, além de demais usuários ou “parasitas” que por qualquer motivo tenham retirado “blocos” para venda em uma espécie de consignação, ou “na confiança”. Um representante dos interesses da “biqueira”, presente no fumódromo com a finalidade de fazer o “resumo” irá acertar com o(s) “vapor(es)”, ou mesmo com um terceiro traficante de referência, os valores alusivos à pacotes retirados e ainda não pagos. Os “vapores” acertam contas entre si, manejando inúmeras possibilidades de trocas, empréstimos e consignações de “blocos” deixados na confiança de alguém, para finalmente o “resumo” poder ser feito com a “biqueira”. A diferença de postura e vestimenta entre os “vapores” e os traficantes de referência é notória. Enquanto os primeiros parecem desejar deixar claro o quanto “são do crack”, os últimos fazem o inverso.

Como vimos acima, preservar os não usuários do impacto provocado pela visão do consumo de crack é um valor. Para

tanto, recorre-se às tecnologias disponíveis na rua para o abrigo e intimidade. O barraco é a principal tecnologia disponível na rua para o abrigo e proteção; sua constituição é tão variada quanto são os materiais disponíveis, habilidade, propósitos e gostos pessoais. Pode ser construído a partir de materiais diversos como lona, papelão ou cobertores e ser apoiado em uma parede ou carroça. O barraco pode ter ou não um colchão, ser feito para se sentar ou deitar, ou mesmo para os dois propósitos. Surge, então, um ambiente íntimo, adequado para o uso seguro da droga, livre da vergonha de se estar agredindo os valores dos passantes, assim como da “radiação”⁷⁵ vinda de fora. O ambiente externo ao barraco está na verdade amplamente interligado a ele, porque a “biqueira” com fumódromo a céu aberto, por exemplo, é um lugar extremamente agitado, onde a troca recíproca de todo tipo de bem e serviço é constante. O barraco é suficientemente permeável a ponto de possibilitar a requisição de bens e serviços disponíveis no lado externo e, ao mesmo tempo, acompanhar alguma agitação maior na rua. Para a arquiteta Maria Cecília Loschiavo (2005), o barraco está relacionado a:

[...] culturas do desemprego, que levaram ao nomadismo, à bricolagem como formas de resistir à exclusão e criação de estratégias para sobreviver. Outro aspecto a ressaltar refere-se ao estabelecimento de uma justaposição da cidade formal com a cidade de plástico e de papelão, que frequentemente incorpora elementos do ambiente construído, como marquises, espaços residuais, baixios de viaduto, etc. (LOSCHIAVO, 2005, p. 14)

O barraco de alguém pode ser limpo e consertado por terceiros, tais serviços entrando no circuito da “treta”.⁷⁶ Não apenas

75 “Radiação” é o termo usado para designar distúrbios nas proximidades do local de uso. Ao perturbar o usuário de crack, eles prejudicam a fruição dos efeitos da pedra.

76 A “treta” é a troca generalizada de bens e serviços em torno do consumo do crack. Água, vestuário, cigarros, bebida alcoólica, itens da parafernália de

os serviços, mas o próprio barraco pode ser vendido, trocado ou alugado. Ter um barraco em boas condições e muito frequentado é quase sempre garantia de acesso perene à pedra de crack. Sua construção e manutenção estão em consonância com a rua ou baixo de viaduto onde é erguido, sendo que antes do DBA, programa municipal dedicado à oferta de serviços aos usuários de crack, eles eram uma presença constante na Cra-colândia. Foram retirados e sua montagem é muito controlada devido ao contrato estabelecido entre os representantes dos usuários de crack e a prefeitura. Mesmo assim, sua presença é constantemente incentivada pelo crime organizado, particularmente pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), no sentido de melhor viabilizar o tráfico de crack na região.

Figura 16 – Confortáveis barracos na rua Helvétia, em meados de 2013. Em frente ao futuro ponto de apoio do Programa DBA, do outro lado da rua

Fonte: Coleção particular do autor.

uso, assim como, serviços do tipo buscar água e limpar o local são constantemente trocados dentro e fora dos barracos.

A lavagem diária das calçadas da Cracolândia, ao cair da tarde, constrangia e trazia instabilidade às acomodações, em uma situação de *lumpen abuse*. (BOURGOIS; SCHONBERG, 2009) Por isso, víamos lá, no início de nossa pesquisa de campo, no primeiro bimestre do ano de 2013, mais cenas de uso descoberto em comparação a outros locais de “fluxo”. A Cracolândia é um espaço de uso e comércio intenso. Compreendia, no início de nossa etnografia, parte da rua do Triunfo e rua dos Gusmões, assim como o quadrilátero entre a Alameda Glete, a Avenida Rio Branco, a Avenida Duque de Caxias e a Alameda Cleveland. Neste espaço, entre a Praça Princesa Isabel e a Estação Júlio Prestes estão o Largo Coração de Jesus e a Praça Júlio Prestes.

A chamada Cracolândia está entre duas importantes áreas de práticas ilícitas na história recente de São Paulo: a antiga zona de prostituição do bairro do Bom Retiro e a Boca do Lixo. Até os anos 1930, a prostituição limitava-se à rua Timbiras, no limite da Boca do Lixo, do lado oposto à atual Cracolândia; posteriormente, essa área de meretrício foi deslocada pelo poder público para a rua Aimorés, no Bom Retiro, lá permanecendo até as vésperas das comemorações do quarto centenário da cidade, em 1954. Sua dissolução provocou o deslocamento de prostitutas, cafetões, punguistas e “toxicômanos” para a famosa Boca do Lixo. (JOANIDES, 1978, p. 15) Fica claro o quanto esse espaço é mutável. Contudo, há muito viceja na região uma tradição de práticas delituosas e passíveis de estigmatização. Até a implementação do Programa DBA, apenas a rua dos Gusmões mantinha, fora das proximidades da esquina da rua Helvétia com Dino Bueno, onde atualmente se localiza o DBA, o comércio de crack em pleno movimento, tanto durante o dia quanto no período noturno. Também durante a noite, a rua do Triunfo era ocupada por usuários nas proximidades do Largo General Osório,⁷⁷ sendo que neste local se formava um “fluxo”.

77 A região é repleta de “biqueiras” e hotéis com quartos disponíveis para curtos períodos e tolerantes com o uso, além de albergues privados com

Próximo ao Largo Coração de Jesus, existiam, antes do DBA, ao menos quatro “biqueiras” “regularizadas”, ou seja, ligadas ao PCC; e outras tantas independentes, além de uma infinidade de empreendedores individuais, usuários ou não, dedicados à venda do “bloco”. Como podemos observar na breve declaração abaixo, onde está o Partido há “disciplina”.

Ygor – Quem é que bota ordem aqui no pedaço?

Mariano – Tem uns caras que botam ordem aí, mas nunca vejo. Tem os irmãos aí.

Mariano, um usuário com mais de dez anos de Cracolândia, certo dia nos falou a respeito de um “bloco” seu, que foi roubado enquanto dormia. Ele teria direito de cobrar, caso soubesse a quem acusar e poderia recorrer aos irmãos, conforme podemos verificar no seguinte trecho: “Cara que é safado, não tem conceito com os irmãos. É que aqui tem disciplina, certo?”. Após contar este fato, falou de um jovem “patrão”, seu conhecido e por ele admirado pelas roupas caras e carro. Lembrou-me também de como sempre se portou de modo honesto com mercadorias, mesmo as mais caras, que lhe são entregues em confiança para “treta”. Ele também nos contou a respeito das casas demolidas em uma das várias tentativas de extinguir a Cracolândia e comentou: “Lá era feio”, segundo ele, cinco corpos chegaram a ser encontrados no local, no ano de 2011, e afirmou que: “Os caras que pilantravam”, ou seja, pessoas com dívidas, eram lá assassinadas. “Os caras pegavam na rua e levavam lá”, e completa a afirmação dizendo: “Tinha porão lá, então você imagina o porão”. Existe um prédio ocupado por ciganos na esquina da rua Helvétia com Alameda Dino Bueno. Mariano conta a história de um cigano que entrou em atrito com um “irmão” e chegou ao ponto de ameaçar o membro do Partido com uma

preços de R\$ 7,00 a R\$ 10,00 sendo o leito em quarto compartilhado com direito a armário, banho e café da manhã.

arma, isto provocou a vinda de diversos carros e homens do PCC, ligados ao irmão responsável pelo “movimento”⁷⁸ naquele momento. Eles apontaram suas armas, segundo Mariano de pesado calibre, para o prédio onde residiam os ciganos, o que aparentemente os dissuadiu de continuar no conflito. Tempos depois, este cigano seria assassinado, o fato se deu, segundo Mariano, em 2003, dez anos antes de nossa conversa.

Aparentemente, a violência não precisa ser exercida todo o tempo, nem a presença ostensiva daqueles responsáveis pela “disciplina” se faz necessária para: “Fazer com que a vigilância seja permanente nos seus efeitos [...]”. (FOUCAULT, 1997, p. 166) Os irmãos são temidos e admirados; estão presentes mesmo quando ausentes, pois podem ser acionados e rapidamente se materializarem na Cracolândia. Ainda mais importante, a “disciplina” está no orgulho de cada usuário em nunca roubar e na certeza de ter a quem recorrer em caso de ser roubado. O poder do Partido não é exercido pelo irmão de plantão a organizar o movimento. Fui apresentado a um deles e sequer aparentava estar armado. O assassinato brutal de cinco pessoas porque “pilantravam” permanece na memória, importando menos o seu efeito sobre quem é castigado e mais as impressões fixadas em todos aqueles que veem o castigo ou dele são informados. “Os caras que botam ordem”, porém, nem sempre são vistos; cumprem o papel de um inspetor perfeito, onnipresente e invisível, mas acionável a qualquer instante.

O “fluxo” na Cracolândia criava tal densidade social, antes do Programa DBA, que chegava a ponto de gerar lojas comerciais dedicadas à “treta”. Localizavam-se em imóveis das ruas Helvétia e Dino Bueno, assim como nas barracas de troca em pleno asfalto. Televisores, eletrodomésticos dos mais variados, fogões, geladeiras, cadeiras e joias podiam ser vendidos em lojinhas espalhadas ao longo do “fluxo”. As barraquinhas sobre

78 O mesmo que “fluxo”, ou comércio de crack.

cavaletes ou diretamente sobre o leito carroçável, ou ainda na calçada vendiam e trocavam miudezas como canetas e aparentemente tudo o mais disponível. Persistem, mesmo após o Programa DBA, os cigarreiros. Não com um só maço para fazer “treta” a granel, mas com vários maços dispostos em uma caixa específica para esta finalidade.

Figura 17 – O “fluxo” em meados de 2013, antes do Programa DBA

Fonte: coleção particular do autor.

Portanto, podemos entender o “fluxo” como uma aglomeração humana com dezenas ou mesmo centenas de usuários de crack a depender de diversos fatores, desde climáticos, passando pela repressão policial ao tráfico, até a proximidade ou não dos dias de pagamento. A disponibilidade da droga também é fator importante na construção e localização do “fluxo”. Ele está onde há droga e vice-versa, o crack é levado para próximo aos usuários e estes, por sua vez, se dirigem para o local com maior disponibilidade de crack. Aparentemente, próximo ao “fluxo”, ou melhor, dentro dele, os “blocos” são mais “bem fe-

chados”, termo êmico utilizado para se referir as pedras maiores e com embalagens ainda não violadas. Longe do “fluxo” as pedras disponíveis podem ser frações do “bloco” original, sem necessariamente ter um preço menor. Dentro e fora dele, pode-se adquirir qualquer fração do “bloco” até chegar a doses unitárias, ou seja, suficiente para um “trago”. Estas frações da pedra original de crack são trocadas – também os mais diversos bens e serviços – dentro do circuito da “treta”, tornando o “fluxo” um local de imensa agitação e até abrindo espaço a profissionais da “treta,” ou indivíduos dedicados a comprar e vender objetos usados e novos.

A localização do “fluxo” variava antes da implantação do Programa DBA no decorrer dos meses, semanas e até dentro do mesmo dia. Ele podia se fixar por meses na rua Dino Bueno, entre as ruas Helvetia e Glete para em um único dia migrar para a esquina da rua Helvetia com Cleveland, ou mesmo ocupar os dois locais. Por vezes, o “fluxo” podia se desdobrar até o Largo General Osório, ou mesmo para a esquina da rua Glete e Avenida Rio Branco. Após a implementação do DBA, o “fluxo” passou a ocupar durante o dia, um espaço restrito em frente à sede do Programa. No período noturno, ele avançava um pouco mais pela rua Helvétia adentro. Mais recentemente, ele voltou a ocupar a rua Dino Bueno nas proximidades da esquina com rua Helvétia.

A presença dos serviços do Estado em atenção aos usuários era ostensiva na Cracolândia, mesmo anteriormente a implantação do Programa DBA. Lá, se encontravam há pelo menos quatro anos, as equipes de saúde com seus coletes azuis, andando em grupos de não menos três agentes. Também havia o posto policial, na esquina da rua Helvétia com a Alameda Barão de Piracicaba, cujas rondas buscavam colocar os usuários em movimento. Com viaturas que eram usadas para subir nas calçadas e desalojar seus ocupantes antes da implantação do Programa DBA. Se preciso fosse, os policiais desciam do veícu-

lo e de arma em punho forçavam os reticentes a levantarem-se. Estas práticas, destinadas a forçar a motricidade e o deslocamento, parecem denunciar a submissão do trabalho policial à lógica do movimento reinante nas cenas de uso. Recordemos o “parasita”, alheio ao “corre” feito pelos usuários em busca de fundos para adquirir pedras de crack. Lembremos também do “fluxo”, da circulação do “bloco”, seja entre os usuários, ou dos traficantes para estes. O trabalho policial dedicado a deslocar pessoas; empurrá-las de um lugar a outro, não estava em desacordo com os valores locais que privilegiam a agitação do “corre” e do “fluxo” ao sedentarismo do “parasita”. Não se pode deixar de mencionar o funcionamento do serviço cotidiano de limpeza da rua, que não se restringe à varrição, mas também se valia de um caminhão pipa que deslocava os usuários pela iminência dos jatos d’água, fazendo-os caminhar p campo de forças onde se encontravam imersos. (RAUPP; ADORNO, 2011)